

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE PEDAGOGIA**

CAROLINA VARIANI

**(DES)CONECTADOS: O ISOLAMENTO SOCIAL, A PRÁTICA DO ENSINO
REMOTO EMERGENCIAL E A ATUAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS NO PERÍODO DE PANDEMIA DA COVID-**

19

**CHAPECÓ
2023**

CAROLINA VARIANI

**(DES)CONECTADOS: O ISOLAMENTO SOCIAL, A PRÁTICA DO ENSINO
REMOTO EMERGENCIAL E A ATUAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS NO PERÍODO DE PANDEMIA DA COVID-**

19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Jane Teresinha Donini Rodrigues
Co-orientadora: Prof^ª Dra^a Manuela Pires Weissbock Eckstein

**CHAPECÓ
2023**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Variani, Carolina

(DES)CONECTADOS: O ISOLAMENTO SOCIAL, A PRÁTICA DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E A ATUAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS NO PERÍODO DE PANDEMIA DA COVID-19 / Carolina Variani. -- 2023.

25 f.

Orientadora: Doutora Jane Teresinha Donini Rodrigues

Co-orientadora: Doutora Manuela Pires Weissbock Eckstein

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Chapecó, SC, 2023.

1. Ensino remoto emergencial; pandemia; escola; alfabetização; família.. I. , Jane Teresinha Donini Rodrigues, orient. II. Eckstein, Manuela Pires Weissbock, co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CAROLINA VARIANI

(DES)CONECTADOS:

O ISOLAMENTO SOCIAL, A PRÁTICA DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E
A ATUAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS
CRIANÇAS NO PERÍODO DE PANDEMIA DA COVID-19

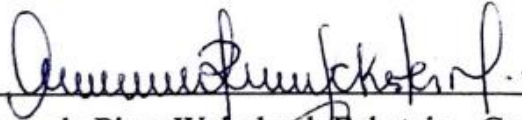
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de pedagogia da Universidade
Federal da Fronteira Sul (UFFS), como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 12/12/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Jane Teresinha Donini Rodrigues - Orientadora (UFFS)



Prof.ª Dr.ª Manuela Pires Weissbock Eckstein - Co-Orientadora (UFFS)



Prof.ª Dr.ª Solange Maria Alves - (UFFS)

Documento assinado digitalmente



SABRINA PLA SANDINI

Data: 13/12/2023 13:45:34-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.ª Dr.ª Sabrina Pla Sandini - (UNICENTRO)

(DES)CONECTADOS: O ISOLAMENTO SOCIAL, A PRÁTICA DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E A ATUAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS NO PERÍODO DE PANDEMIA DA COVID-19

Carolina Variani¹
Jane Teresinha Donini Rodrigues²
Manuela Pires Weissbock Eckstein³

RESUMO: Este estudo teve como objetivo analisar como as pesquisas acadêmicas abordaram a experiência das famílias no apoio à alfabetização das crianças durante a pandemia da Covid-19 que impôs o isolamento físico e social. O trabalho se caracteriza pela abordagem qualitativa de pesquisa, com análise bibliográfica e para a coleta de dados realizou-se uma busca nos repositórios digitais com os seguintes descritores: *Ensino remoto emergencial; pandemia; escola; alfabetização; família*. Ao analisar as pesquisas, foi constatado que, apesar dos esforços das famílias em apoiar a alfabetização durante o ensino remoto, houve dificuldades significativas, como a falta de tempo, falta de conhecimento e escassez de recursos tecnológicos.

Palavras-chave: Ensino remoto emergencial; pandemia; escola; alfabetização; família.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia global causada pela COVID-19 trouxe desafios para todos. Neste trabalho, coloca-se em evidência alguns impactos na área da educação, mais especificamente o que abordaram algumas pesquisas selecionadas que, diante do imperativo do isolamento físico e social, tomaram rumos muito diferentes daqueles que estávamos acostumados a vivenciar.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Chapecó. carolina.variani2015@outlook.com

² Professora Orientadora. Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. jane.rodrigues@uffs.edu.br

³ Professora co-orientadora. Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. manuela.eckstein@uffs.edu.br

Agravada a situação, exigiu-se das autoridades responsáveis uma atitude em defesa da vida. Frente às preocupações relacionadas à segurança sanitária, o Conselho Nacional da Educação elaborou o Parecer CNE/CP nº 11/2020, que autorizou as escolas a adotar o ensino remoto emergencial (ERE) como forma de promover a comunicação entre professores e alunos. Segundo Hodges *et al.* (2020), o Ensino Remoto Emergencial foi uma mudança provisória na educação, passando das práticas de ensino presencial para o remoto, o que envolveu a adaptação dos planejamentos educacionais e, principalmente, o uso de recursos e interfaces digitais. Com essa normativa, as escolas, estudantes, professores e família se viram obrigados a reorganizar suas rotinas de forma repentina e vivenciando um formato diferente.

A tarefa da mediação docente na apropriação dos conhecimentos, da escrita e leitura da palavra e do mundo (FREIRE, 1989) sofreu alterações significativas tanto na forma como no tempo e espaço de sua realização tendo em vista que já não eram aulas com a professora em sala de aula, na escola durante um período do dia. Ao invés disso, outros atores (familiares) que, na maioria dos casos eram coadjuvantes ou nem atuavam até então, naquele momento se tornaram imprescindíveis no cenário da aprendizagem das crianças e jovens. Pais, mães, irmãos/ãs e outros familiares precisaram assumir parte importante do movimento de alfabetização das crianças que iniciavam um processo primordial da condição cidadã: saber ler e escrever, o conhecer e o interpretar.

Muitos pesquisadores ao redor do mundo encontraram nesse fenômeno causado pela pandemia um terreno fértil para pesquisas em diferentes áreas. Como estudante pesquisadora, olhei pelo retrovisor, ao rever aquele cenário caótico e ao mesmo tempo inventivo e inovador, fiquei instigada a conhecer e analisar diferentes experiências, sobretudo, aquelas famílias que, abruptamente, viram-se exercendo um papel de “profe’ mílias” ou “famíli’ ssoras”⁴. Ou seja, correspondia a assumir uma parte da escolarização que até o momento consistia em acompanhamento ou cobranças para que a tarefa encaminhada pela professora fosse realizada. Questionava-me sobre as condições em que isso aconteceu; sobre as dificuldades enfrentadas por famílias cujos responsáveis não se apropriaram da língua escrita na idade certa; sobre famílias que não possuíam computador, celular ou até mesmo acesso à internet, milhares de questões surgiram. Contudo, ainda que as muitas interrogações circulassem em minha cabeça, a pergunta que mobilizou essa pesquisa foi assim formulada: *como as pesquisas acadêmicas abordaram*

⁴ Expressão criada e que pode traduzir a “fusão” de papéis exercidos pelas famílias frente à aprendizagem das crianças em fase de alfabetização no período da pandemia.

as experiências de atuação das famílias no apoio à alfabetização das crianças em meio ao isolamento físico e social causado pela pandemia da Covid-19?

Em que pese o encontro de respostas num percurso de pesquisa, compreendo que elas são sempre inconclusas e provisórias e nas buscas no rastreamento de pistas é preciso ter clareza do que se quer. Desse modo, o objetivo desta pesquisa foi investigar como as pesquisas acadêmicas abordaram as experiências de atuação das famílias no apoio à alfabetização das crianças em meio ao isolamento físico e social causado pela pandemia da Covid-19 em publicações acadêmicas entre os anos de 2020 e 2023.

Como desdobramento do objetivo geral estabelecido, os seguintes objetivos específicos ajudaram a organizar o estudo: a) identificar as principais dificuldades apontadas pelas publicações que as famílias enfrentaram no apoio à alfabetização das crianças durante o período de isolamento físico e social; b) investigar o que apresentaram os estudos sobre as estratégias utilizadas pelas famílias para auxiliar no processo de alfabetização das crianças de forma remota; c) analisar o que as publicações acadêmicas apontaram sobre a importância da parceria entre famílias e escola no processo de alfabetização das crianças durante o período de isolamento físico e social.

O itinerário metodológico se desenhou a partir de uma perspectiva qualitativa de pesquisa. Esta possibilitou a utilização de contribuições e experiências sociais que aproximam tema, sujeito e objeto investigados. De acordo com Minayo (2007), aproximar tema, sujeito e objeto por meio da pesquisa qualitativa possibilita o entendimento das vivências e percepções dos sujeitos, contribuindo para uma compreensão mais completa e contextualizada dos fenômenos sociais.

Acrescenta-se que essa aproximação viabiliza a identificação de padrões e significados subjacentes aos eventos e processos sociais analisados. Além disso, a pesquisa qualitativa permite uma abordagem mais flexível e exploratória, emergindo novas questões e perspectivas durante o processo de investigação (MINAYO, 2007, p. 78).

Utilizando a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico, foi possível ter a noção do estado do conhecimento já produzido sobre o tema por meio de buscas eletrônicas no acervo da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), no repositório digital da UFFS e na *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). Para orientar tais buscas, foram utilizados descritores previamente estabelecidos: *Ensino remoto emergencial; pandemia; escola; alfabetização; família*. O

passo a passo deste itinerário será apresentado no item 2, intitulado “Para conectar: itinerário metodológico”.

Teoricamente esta pesquisa está referenciada nos estudos de Freire (1898); Charczuk (2020); Arruda (2015); Silva (2010), que salientam a importância da educação como aparato de transformação social. Freire (1898) argumenta que a educação é fundamental para a conscientização e ação das pessoas, possibilitando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Charczuk (2020) investiga o papel da educação na formação de cidadãos críticos e ativos, capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem. Arruda (2015) destaca a importância da educação na promoção da igualdade de oportunidades e no combate às desigualdades sociais. Silva (2010) defende a educação como meio de empoderamento e libertação das pessoas, fortalecendo sua autonomia e capacidade de transformação.

A opção por estes autores para o aprofundamento teórico e apoio para compreender os dados encontrados se justifica pelas convergências nas percepções sobre a educação e ideais de formação aos sujeitos de forma a lhes garantir conhecimento, consciência de si e do mundo, a formação crítica e capacidade de intervenção autônoma na sociedade, transformando-a e sendo transformado nas relações estabelecidas.

Para alcançar os objetivos propostos, o texto foi estruturado em cinco seções. Na primeira, apresenta-se a introdução, cujos elementos propõe situar o leitor no contexto do texto que se apresenta. Na segunda sessão, destacou-se a metodologia utilizada como forma de “conexões” possíveis para encontrar um caminho que leve às fontes de dados e formas de compreendê-los. Na seção três, intitulada “*cenário do ensino remoto emergencial durante o isolamento físico e social causado pela Covid-19*”, apresentou-se a discussão sobre “ensino remoto emergencial (ERE) que, segundo Charczuk (2020), foi criado para distinguir as diferenças entre ensino presencial, ensino a distância (EaD) e ensino remoto. Na quarta seção, “*O isolamento físico e social e a educação das crianças: a atuação das famílias*”, discutiu-se a atuação das famílias com as crianças que estavam em processo inicial de alfabetização, numa condição de isolamento físico e social a partir dos trabalhos publicados e selecionados para esta pesquisa. Na próxima seção, intitulada “*o isolamento físico e social, as famílias e a aprendizagem das crianças: mudanças no tempo e espaço escolar*”, analisou-se os desafios da nova rotina e a relação do tempo e dos espaços escolares. Nas considerações finais, apontou-se que, de acordo com as análises realizadas nas pesquisas selecionadas, não foram encontradas informações específicas sobre como aconteceu o processo de alfabetização durante o ensino remoto

emergencial e as reflexões que repercutiram ao longo da pesquisa e, apesar dos esforços das famílias em apoiar a alfabetização durante o ensino remoto, houve dificuldades significativas, como a falta de tempo e escassez de recursos tecnológicos.

2 PARA CONECTAR: ITINERÁRIOS METODOLÓGICO

Este estudo compreende uma pesquisa do tipo qualitativa que, segundo Minayo (2001, p. 21 e 22), se coloca a responder

[...] questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Defende-se, portanto, que qualquer investigação social deve contemplar uma característica básica de seu objeto, que é o aspecto qualitativo. Para a estudiosa, a pesquisa qualitativa possibilita um maior envolvimento e colaboração dos participantes, trazendo suas vozes e experiências para o centro da investigação. Isso permite uma maior valorização e empoderamento dos sujeitos da pesquisa, promovendo a construção coletiva de conhecimento (MINAYO, 2007).

Assim, propôs-se a investigar *como algumas pesquisas acadêmicas abordaram as experiências de atuação das famílias no apoio à alfabetização das crianças em meio ao isolamento físico e social causado pela pandemia da Covid-19.*

Para a coleta de dados, realizou-se uma pesquisa nas plataformas de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), no repositório digital da UFFS e na *Scientific Electronic Library Online (SCIELO)*, utilizando-se os seguintes descritores: pandemia, ensino remoto emergencial, alfabetização e família. Foram encontrados dezoito resultados, dos quais tiveram sua seleção a partir de leituras realizadas na íntegra. A partir dessa seleção, foram identificados dois artigos e uma monografia que percorreram caminhos aproximados aos caminhos pretendidos por esta pesquisa, incluindo os objetivos perseguidos.

A leitura desses trabalhos na íntegra ajudou a definir duas categorias de análise que tiveram como eixo de discussão: a) atuação das famílias com as crianças que estavam em processo inicial de alfabetização em meio ao isolamento físico e social; b) Os desafios

da nova rotina e a relação do tempo e dos espaços escolares. O resultado na pesquisa avançada contabilizou três trabalhos científicos. Estes estão organizados em um quadro elaborado pela autora de modo que elas contribuíram para este estudo.

Tabela 1: Pesquisas selecionadas na base de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul) e Scielo (Scientific Electronic Library Online) para posterior análise no âmbito deste estudo

Nº	Ano	Autor(es)	Instituição	Título	Tipo
1	2022	Gessica Caroline Alberti Dallagnol Bocca	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	A participação da família em tempos de pandemia no processo educacional das crianças	Monografia
2	2020	Flávia Alves Menino, Jéssica Bruna Faustino Moura e Liduína Maria Gomes	Anais VII CONEDU	A importância da interação escola e família no desenvolvimento do aluno durante o período de pandemia	Artigo
3	2023	Andréia Florêncio Eduardo de Deus, Queli Ghilardi Cancian, Anilton de Oliveira da Silva, Gabriela Artini da Silva e Vilmar Malacarne	Revista Boletim de Conjuntura	Alfabetização em tempos de pandemia: realidade e desafios na percepção das famílias	Artigo

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Após análise dos referidos trabalhos, foi possível elencar algumas considerações que apresentam relevância para o tema da pesquisa no âmbito da pesquisa em educação. Para iniciar a discussão, a monografia “A participação da família em tempos de pandemia no processo educacional das crianças”, de Gessica Caroline Alberti Dallagnol (2022), traz como foco de pesquisa a participação da família no processo educacional das crianças. A metodologia de trabalho realizada pela autora foi por meio de uma abordagem qualitativa, bibliográfica e de campo em uma escola pública da região do Alto Uruguai, com uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental I. Por meio da análise de dados, a autora estabeleceu três categorias de pesquisa, sendo elas: Participação na vida escolar dos filhos; Pandemia e ensino remoto: as possibilidades frente ao inevitável e Interação

família e escola: as contribuições desse processo. O estudo da monografia evidenciou que tanto a família quanto a escola desempenham um papel fundamental na educação das crianças. Contudo, a obtenção de resultados positivos na aprendizagem pode ser ainda mais efetiva quando há uma interação entre família e escola. Isso ocorre quando a família acompanha de perto o desenvolvimento acadêmico e a formação ética, moral e emocional de seus filhos, além de participar ativamente nos processos decisórios da escola, como os conselhos escolares.

A pesquisa das autoras Flávia Alves Menino, Jéssica Bruna Faustino Moura e Liduína Maria Gomes (2020), com o título “A importância da interação escola e família no desenvolvimento do aluno durante o período de pandemia”, teve como objetivo analisar a importância da interação da família e escola no aprendizado das crianças nas aulas síncronas ministradas durante a pandemia da COVID-19. Pautou-se em vivências, observações e pesquisas efetuadas com pais de alunos do 2º ano (segundo ano) do Ensino Fundamental I, de uma instituição de ensino privado do Município de Sobral. A pesquisa usou suporte metodológico qualitativo descritivo para a coleta de dados. As autoras descreveram que o papel da família ultrapassa os cuidados assistenciais básicos com as crianças, trata-se de uma responsabilidade bilateral, que envolve família e escola, cujo papel da escola também não se limita apenas ao ensino pedagógico, considerando que a família não é vista como o único meio pelo qual a criança se socializa, embora, sem dúvidas, é um grupo privilegiado capaz de transmitir confiança para ela, de forma a assegurá-la da sua capacidade para a realização de todas as atividades propostas.

Os autores Andréia Florêncio Eduardo de Deus, Queli Ghilardi Cancian, Anilton de Oliveira da Silva, Gabriela Artini da Silva e Vilmar Malacarne (2023), no artigo “Alfabetização em tempos de pandemia: realidade e desafios na percepção das famílias”, buscam analisar os impactos do ensino remoto no desenvolvimento da alfabetização e na rotina das famílias responsáveis por crianças do ensino fundamental I de uma escola pública municipal do estado do Paraná. Trata-se de um estudo de caso, de caráter qualitativo, exploratório descritivo, desenvolvido a partir da aplicação de um questionário estruturado, direcionado aos responsáveis legais dos alunos matriculados naquela escola no ano de 2021. A partir de uma análise de conteúdo foi possível destacar, segundo os autores, que os resultados evidenciaram as dificuldades quanto ao tempo escasso para o desenvolvimento das atividades escolares, a ausência de conhecimentos por parte dos responsáveis e o desinteresse das crianças no desenvolvimento das atividades. A partir da análise dos dados, concluíram que o Ensino Remoto Emergencial intensificou e

sobrecarregou as famílias na tarefa de alfabetizar suas crianças, comprovando as dificuldades de adaptação e a estagnação no processo de alfabetização.

3 CENÁRIO DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL DURANTE O ISOLAMENTO FÍSICO E SOCIAL CAUSADO PELA COVID-19

Com o fechamento das escolas no Brasil devido à pandemia da Covid-19, foi necessário pensar em novas estratégias para que as atividades escolares se mantivessem ativas. Nesse sentido, adotou-se o formato conhecido como *ensino remoto emergencial* (ERE), termo que segundo Charczuk (2020) foi criado para distinguir as diferenças entre ensino presencial, ensino a distância (EaD) e ensino remoto, distinguindo-se claramente as três formas de ensino.

Reconheceu-se já durante o isolamento físico e social causado pela pandemia da Covid-19 a importância de se diferenciar “ensino remoto emergencial” e “ensino à distância”, pois, mesmo com algumas semelhanças, a prática e as concepções eram diferentes. Charczuk (2020) defendeu que o ensino remoto não poderia ser considerado uma modalidade educacional em si, já que consistiu na transposição das aulas presenciais para o formato remoto. Já a Educação a Distância (EaD), é reconhecida em suas características pedagógicas, como uma modalidade de ensino⁵.

[...] o ensino remoto não pode ser considerado uma modalidade educativa, mas, sim, uma **ação pedagógica [grifo nosso]**, na qual **se processa certa transposição do ensino presencial para o ensino mediado por ferramentas digitais, predominantemente, ou pela proposição de apostilas e materiais impressos remetidos aos alunos [grifo nosso]**. Ainda, no caso do ensino remoto, não existe planejamento ou modelos teórico-conceituais específicos e prévios para sua prática; há apenas a transposição do trabalho presencial para um espaço digital ou impresso. Usam-se recursos digitais ou materiais entregues aos alunos para viabilizar o que foi planejado pedagogicamente para ser realizado presencialmente, sem a enunciação explícita de um plano didático pedagógico articulado com as ferramentas (CHARCZUK, 2020, p.5).

Nessa perspectiva, inúmeras pesquisas foram publicadas e fizeram referência à transição de novos processos de comunicação educacional, bem como novos cenários de ensino e aprendizagem.

⁵ Ao contrário do ensino remoto emergencial, a Educação a Distância é uma modalidade de ensino estruturada, com metodologia específica, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, Lei n. 9394 de 1996.

Antônio Moreira, Susana Henriques e Daniela M. Vieira Barros (2020, p. 01), discutem no texto “*Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia*” que, com “[...] a chegada abrupta do vírus, as instituições educativas e os professores foram forçados a adotar práticas [...] muito diferentes da prática de uma educação digital em rede de qualidade”. Isto indica que esse movimento fez com que pesquisadores de diferentes áreas olhassem para suas práticas pedagógicas sendo mediadas por “tempos” e “espaços” diferentes do que habitualmente estavam acostumados a usar.

Quando trazemos à tona discussões sobre “tempos” e “espaços” usados e construídos durante o isolamento físico e social causado pela pandemia da Covid-19, é preciso avaliar como os “ambientes”, no formato *on-line*, se fizeram e se constituíram em suas singularidades.

Com efeito, a suspensão das atividades letivas presenciais, por todo o mundo, gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem [...] (MOREIRA *et al.* 2020, p. 02).

Houve, portanto, uma transição de “tempos” e “espaços” aliados a metodologias, práticas, vivências, recursos e interfaces digitais. Esta também colocou “em cheque” a forma como as aulas eram planejadas e executadas. Percebe-se que, na maioria das experiências, os “tempos”, “espaços” e “tecnologias” foram pensadas e realizadas em uma perspectiva meramente instrumental.

Inúmeros dados foram analisados no primeiro ano de isolamento físico e social e indicaram a instrumentalização das práticas pedagógicas, usando principalmente recursos de comunicação rápida, como o *Whatsapp* para o envio de tarefas a serem realizadas pelas crianças, alicerçadas principalmente pelo uso de livros didáticos e atividades impressas.

Esse conjunto de experiências partiu da necessidade de encontrar diferentes formas de os professores se conectarem com os alunos e suas famílias. Muitos foram os desafios vivenciados por todos, famílias, professores, gestores escolares e alunos, especialmente, as crianças que estavam em fase de alfabetização quando o isolamento físico e social iniciou.

Na próxima seção, aproxima-se de uma categoria importante que surgiu dos discursos das pesquisas analisadas: a atuação das famílias no processo de aprendizagem das crianças.

4 O ISOLAMENTO FÍSICO E SOCIAL E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS: A ATUAÇÃO DAS FAMÍLIAS

O objetivo dessa seção é discutir a *atuação das famílias com as crianças que estavam em processo inicial de alfabetização em meio ao isolamento físico e social* a partir dos trabalhos publicados e selecionados para esta pesquisa.

A pesquisa denominada “*A participação da família em tempos de pandemia no processo educacional das crianças*”, de Gessica Caroline Alberti Dallagnol Bocca (2022), buscou compreender os desafios enfrentados no processo de ensino e de aprendizagem das crianças, tendo em vista que nos anos de 2020 e 2021 o mundo passou a vivenciar uma pandemia global, impossibilitando que as ações educativas fossem em formato presencial⁶.

Bocca (2022) utilizou na coleta de dados um questionário que foi enviado de forma presencial às famílias das crianças de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da região do Alto Uruguai Gaúcho. Por meio da análise dos dados, a pesquisadora estabeleceu três categorias de análise: a) participação na vida escolar dos filhos; b) pandemia e ensino remoto: as possibilidades frente ao inevitável; c) interação família e escola: as contribuições desse processo.

Quanto à questão identificada como “*participação na vida escolar dos filhos*”, Bocca (2022) relatou que, dentre os participantes da pesquisa, a maioria eram mulheres, mães das crianças que frequentavam o segundo ano do Ensino Fundamental em 2021. Diante da análise, verificou-se que as mulheres tiveram uma sobrecarga de tarefas durante o isolamento físico e social, sobretudo no que se refere às aulas remotas dos filhos, fossem elas síncronas ou assíncronas. Bocca (2022) aponta que essa sobrecarga recaiu principalmente sobre as mulheres devido a questões culturais e de divisão tradicional de papéis de gênero na sociedade. As mulheres acabaram assumindo a maior parte das tarefas domésticas e do cuidado das crianças, além de continuarem desempenhando suas atividades profissionais.

Outro dado apontado faz referência sobre a escolaridade dos pais/mães. Em 2021, apenas um dos pais tinha o Ensino Médio completo e isso certamente gerou consequências na maneira como esses pais/mães se envolveram no acompanhamento de

⁶ Devido a pandemia mundial, causada pelo vírus SARS-CoV-2, a vida das famílias foi afetada pelos protocolos definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 30 de janeiro de 2020. As escolas fecharam e as aulas passaram a ser realizadas de casa através de recursos disponíveis pela internet.

seus filhos, pois puderam enfrentar dificuldades para entender e apoiar o processo educativo. Da pesquisa, três participantes possuíam Ensino Médio incompleto, o que aponta também para uma formação escolar limitada, acarretando dificuldades na hora de auxiliar nas demandas escolares dos filhos, o que inclusive foi registrado pelos próprios pais no questionário. A pesquisa registrou ainda um pai/mãe com o Ensino Fundamental completo, dois com Ensino Superior completo e um cursando o Ensino Superior (BOCCA, 2022, p.34).

Bocca (2022) também questionou os pais sobre: “*O que você entende por participação na vida escolar do(a) seu filho(a)?*”. A partir dos dados registrados, percebeu-se que os pais reconheciam a importância de ajudar a criança em suas dificuldades, incentivar e motivar a criança a participar das atividades propostas pela escola, mesmo em isolamento social. Mesmo reconhecendo esses valores, as famílias foram estimuladas a falar sobre as dificuldades encontradas por elas durante este período. Os pais apresentaram relatos importantes, principalmente quanto ao tempo de estudo na forma remota, bem como as dificuldades e os desafios em ensinar as crianças em casa. Indica-se alguns trechos das entrevistas realizadas por Bocca (2022), em que as famílias relatam suas dificuldades:

Foi muito difícil, principalmente no início das aulas remotas, pois era o início da alfabetização (Família A).

Difícil. Meu filho não aceitava muito minha ajuda, estava sempre nervoso, queria brincar. Dizia que lugar de estudar era na escola, queria a professora e colegas (Família C).

Um pouco complicado, pois minha filha não sabia ler nem escrever então era preciso acompanhar ela em todas as atividades propostas pela escola para ela. Também percebi que não tinha a mesma evolução e nem comprometimento que tem indo na escola (Família G).

Bocca (2022) também buscou compreender as percepções das famílias sobre a participação delas na educação de seus filhos durante o isolamento físico e social e a prática do ensino remoto: “*Como família, que contribuições consideram significativas para melhorar a participação na vida escolar dos(as) seus(as) filhos(as)?*” As respostas foram:

Posso contribuir ensinando respeitar o ambiente escolar e social, cobrando que se comprometa com seu dever de adquirir conhecimento conversando com a professora sempre que for solicitado, escutando como foi o dia a dia do aluno, instruindo, explicando o certo e o errado e incentivando o estudar para uma formação futura (Família F).

Acompanhar os temas de casa principalmente, leituras e sempre que algo ocorre de maneira incorreta pelo aluno dizer aos pais, pois acredito que é nos pequenos erros que conseguimos ir moldando essas crianças para um melhor desenvolvimento e relacionamento com todos (Família D).

Ao final da pesquisa, a autora concluiu que os pais sempre tiveram um papel imprescindível na formação dos seus filhos. A presença ou ausência deles afeta diretamente no desenvolvimento social, cognitivo e emocional das crianças, deixando marcas ao longo de suas vidas. Os desafios, medos e incertezas durante o isolamento social e o ensino remoto foram aos poucos abrindo espaço no retorno do ensino presencial, em um formato ainda diferente do que acontecia em 2019, antes da pandemia. O tempo de isolamento físico e social deixou marcas que só a dedicação e participação da família e da escola seriam capazes de ressignificar tudo o que foi vivido.

A segunda pesquisa denominada “*A importância da interação escola e família no desenvolvimento do aluno durante o período de pandemia*”, de Flávia Alves Menino, Jéssica Bruna Faustino Moura e Liduína Maria Gomes (2020), buscou investigar como os pais e responsáveis reagiram com a organização das aulas em um novo formato, a partir de novas metodologias de ensino, novas rotinas e novos espaços escolares - o não presencial, acessível por meio de plataformas digitais.

As pesquisadoras comentam que quando as famílias foram questionadas sobre qual a maior dificuldade encontrada nesse novo formato, uma questão foi unânime: o maior obstáculo foi manter a criança concentrada durante todo o período de aula na frente do computador, visto que as crianças se encontravam no conforto de sua residência e não eram adaptados a enxergar esse ambiente como uma sala de aula. Para tanto, a instituição soube lidar de forma exitosa com essa dificuldade, reduzindo o tempo de cada aula, capacitando os professores para trazerem a utilização das ferramentas tecnológicas a seu favor, buscando pensar em aulas interativas (MENINO; MOURA; GOMES, 2020, p. 6).

A terceira pesquisa, “*Alfabetização em tempos de pandemia: realidade e desafios na percepção das famílias*”, de Andréia Florêncio Eduardo de Deus, Queli Ghilardi Cancian, Anilton de Oliveira da Silva, Gabriela Artini da Silva e Vilmar Malacarne (2023), analisou os impactos do ensino remoto durante o processo de alfabetização e na rotina das famílias responsáveis pelas crianças que frequentavam o 2º e 3º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola pública da cidade Cascavel-PR, durante o isolamento físico e social causado pela pandemia da Covid-19.

Os dados foram coletados a partir de um questionário direcionado aos responsáveis legais dos alunos, de forma *on-line*, por meio do *Google Forms*, recebendo um retorno de oitenta e nove respostas de famílias que tiveram crianças em fase de alfabetização em casa durante o isolamento físico e social (DEUS *et al.*, 2023, p.30).

Nas falas dos responsáveis pelas crianças, a categoria “tempo e organização familiar” emergiu de forma clara. A falta de tempo para auxiliar as crianças no desenvolvimento das atividades deixou ainda mais explícita a dificuldade das famílias no cuidado e atenção às crianças no que diz respeito à execução das tarefas escolares.

De acordo com os autores (2023), além da falta de tempo para auxiliar as crianças nas atividades escolares, essa situação foi agravada com a falta de conhecimento sobre como alfabetizar seus filhos, bem como a falta de conhecimento para usar plataformas e ferramentas digitais. Além disso, a recusa das crianças em realizar as atividades também se apresentou como um desafio enfrentado pelas famílias (DEUS *et al.*, 2023, p. 30).

Para os pesquisadores, a “ausência de conhecimento dos responsáveis” evidenciou uma condição ainda muito presente que é também indicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mostra-se que há um grande número de pessoas adultas, chefes de família com pouca escolarização. Segundo o IBGE, em 2018, o Brasil contava com 11,3 milhões de pessoas analfabetas com mais de 15 anos (BRASIL, 2021). Segundo Silva (2017), a ausência de conhecimento dos responsáveis gerava uma grande insegurança e indisposição, tanto deles quanto das crianças.

A partir dos resultados das pesquisas, conclui-se que os dados evidenciaram perdas não somente no trabalho multidisciplinar e nos conteúdos transversais que permeiam o trabalho da escola, mas também as dificuldades da família no apoio à aprendizagem das crianças. Ao considerar que se trata de crianças que cursam os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e que os responsáveis são trabalhadores ativos, compreende-se que os pais são pessoas ainda jovens com baixa escolaridade.

Essa falta de conhecimento dos responsáveis dificulta a criação de um ambiente favorável ao aprendizado, pois eles não têm as habilidades e conhecimentos necessários para auxiliar as crianças com as tarefas escolares. Além disso, as pesquisas também mostram que muitas famílias têm dificuldades em entender a importância da educação e não valorizam o processo de aprendizagem.

Essa situação evidencia a desigualdade educacional no Brasil, onde ainda existem muitas pessoas adultas com baixa escolarização e analfabetos. Essas pessoas, muitas vezes, não tiveram oportunidades de acesso à educação de qualidade e não conseguem

transmitir aos seus filhos os conhecimentos necessários para seu desenvolvimento acadêmico.

Diante desses resultados, é interessante destacar a importância de políticas públicas que visem promover a inclusão social e o acesso à educação de qualidade para todos, independentemente do nível socioeconômico.

Na próxima seção, opta-se por discutir dois conceitos importantes que traduziram a forma de pensar e agir da escola e dos professores na organização da rotina e do espaço escolar em meio ao isolamento físico e social.

5 O ISOLAMENTO FÍSICO E SOCIAL, AS FAMÍLIAS E A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS: MUDANÇAS NO TEMPO E ESPAÇO ESCOLAR

Partindo do que as pesquisas selecionadas trouxeram sobre os desafios da nova rotina e a relação do tempo e dos espaços escolares, alguns conceitos defendidos por Yvelise Freitas de Souza Arco-Verde, no texto “*Tempo escolar e organização do trabalho pedagógico*” (2012) traduzem nossos olhares para as questões defendidas nessa seção.

Arco-Verde (2012) afirma que o tempo escolar é um elemento fundamental na organização do trabalho pedagógico e que, neste sentido, é preciso estabelecer uma nova concepção de tempo que possibilite maior flexibilidade e adaptação às necessidades dos estudantes. Isso significa compreender que “o tempo” assume um papel importante na cultura escolar, não apenas pelo seu aspecto físico e linear – o tempo medido pelo relógio, criado pelo ser humano e refinado pela ciência, que resultou na uniformização e universalização do tempo cronológico pelo mundo, mas também pelo seu aspecto dinâmico. Este está relacionado às práticas pedagógicas que ocorrem nas ações da escola, assim como na organização de diferentes tempos sociais na instituição escolar.

Na pesquisa de Bocca⁷ (2022), indicou-se que o ensino remoto emergencial exigiu uma adaptação por parte das famílias, pois tiveram suas rotinas totalmente modificadas. Com o ensino remoto, as atividades passaram a levar mais tempo para serem realizadas e exigiram maior concentração e atenção por parte das crianças e das famílias (BOCCA, 2022, p. 43). A rotina da casa não era igual a rotina da escola antes do

⁷ A participação da família em tempos de pandemia no processo educacional das crianças (2020).

isolamento físico e social e isso, certamente, foi um elemento de muito impacto para todos.

Foi preciso reconhecer que a mudança na rotina da família e, principalmente das crianças, durante o isolamento físico e social, teve implicações significativas no processo de aprendizagem e esteve relacionado também ao “tempo”. Ao levar em conta a defesa de Vygotsky (1989), pode-se discutir o quanto perdemos com o isolamento, quiçá as crianças.

Há, segundo Vygotsky (1989), uma conexão que se estabelece entre desenvolvimento e aprendizagem, por meio da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), distância entre os níveis de desenvolvimento potencial e nível de desenvolvimento real, um espaço dinâmico entre os problemas que uma criança pode resolver sozinha, nível de desenvolvimento real e os que deverá resolver com a ajuda de outro sujeito mais capaz no momento para, em seguida, chegar a dominá-los por si mesma, o nível de desenvolvimento potencial. Em um movimento muito singular, como é o da criança em fase de alfabetização, essas vivências certamente foram muito prejudicadas.

Outro aspecto abordado por Arco-Verde (2003), no texto “*A arquitetura do tempo na cultura escolar: um estudo sobre os Centros de Educação Integral de Curitiba*”, diz respeito à relação entre o tempo escolar e as práticas pedagógicas. A autora destaca que o tempo escolar precisa ser pensado de forma integrada com as atividades pedagógicas, de modo a garantir a articulação entre os diferentes momentos e espaços de aprendizagem. Para isso, é fundamental considerar as características individuais de cada estudante e oferecer diferentes possibilidades de aprendizado, possibilitando a personalização do tempo e do espaço escolar.

Bocca (2022) trouxe essas questões em sua pesquisa, indicadas pelas próprias famílias. Elas ressaltaram que os momentos de interação entre os colegas de turma, os professores e funcionários das escolas já não era mais um fato. A aprendizagem isolada fez com que inúmeras crianças também não compreendessem a adaptação de uma rotina escolar dentro da sua casa. Isso realmente foi desafiador. A necessidade de concentração e auto-organização foi importante para as famílias, porque elas precisavam gerenciar o tempo e as entregas de todos.

A pesquisa “*A importância da interação escola e família no desenvolvimento do aluno durante o período de pandemia*” menciona que em termos de mudança na rotina, os entrevistados relataram insegurança, medo, incertezas e, principalmente, receio com os novos formatos de ensino. Porém, demonstravam ciência da necessidade de apoiar os

filhos, visto que necessitavam sentir-se seguros (MENINO; MOURA; GOMES, 2020, p. 5).

Outro ponto centrado na questão da rotina das crianças é que alguns pais preferiram colocar horários fixos na rotina de estudos, fazendo com que as crianças aprendessem a importância de organizar um momento para ler, estudar e realizar tarefas. Já outros optaram por deixar as crianças com horários de estudos mais flexíveis e manter fixo apenas o horário de aula síncrona. Em ambas situações, os pais afirmaram a importância de ter separado um momento para estudar junto com o filho, fazendo a criança perceber a necessidade de estabelecer uma rotina, mesmo em meio à pandemia. Salientaram também que a interação entre família e escola formou durante este movimento a base principal do desenvolvimento da criança, pois ambas forneceram conhecimentos, cuidados e valores em meio a um caos generalizado mundialmente (MENINO; MOURA; GOMES, 2020, p.8).

Ainda em termos de mudanças, a terceira pesquisa⁸ aponta que as mudanças repentinas provocadas pela pandemia impuseram um cenário novo que responsabilizou a família por um espaço antes ocupado pela escola. Cessou-se a dinâmica de sala de aula e as relações construídas cederam lugar ao isolamento no âmbito familiar. Considerando a realidade social de muitas famílias brasileiras, podemos dizer que a pandemia lhes tirou o único espaço de convivência social (DEUS *et al.*, 2023, p.09).

Para muitas famílias, a escola representa um espaço onde podem deixar as crianças enquanto estão no trabalho. A ausência desse espaço provocou transformações, com consequências que afetaram até mesmo o sustento familiar. Conforme Ferreira, Ferreira e Zen (2020, p. 290), “[...] no contexto pandêmico, as discussões sobre o fechamento e a reabertura das escolas evidenciou a sua importância como instituição social” (DEUS *et al.*, 2023, p.10).

O que se aprende com isso? Buscou-se algumas referências que tratam sobre a questão de tempo e espaço na escola. Parece que, enquanto educadores, não temos discutido com nossos pares esses elementos tão caros e importantes que merecem ser analisados e repensados a todo momento.

Arco-Verde (2003) defende que o uso do tempo escolar necessita ser pensado como um recurso pedagógico. Ou seja, o tempo deve ser utilizado de forma estratégica, possibilitando a realização de ações pedagógicas significativas que favoreçam a

⁸ Alfabetização em tempos de pandemia: realidade e desafios na percepção das famílias (2023).

aprendizagem. Assim, é fundamental a promoção de uma gestão do tempo que equilibre a realização das diferentes tarefas e garanta um tempo adequado para as atividades de reflexão, estudo e prática. Isso, sobretudo, sempre foi e será um grande desafio para as escolas!

Neste caminho, evidencia-se a defesa de Arco-Verde (2003), é imprescindível que discutamos sobre a estrutura temporal da escola e a organização do tempo escolar. É preciso repensar as formas tradicionais de organizar o tempo na escola e adotar uma perspectiva mais flexível e adaptável às necessidades dos estudantes. Isso implica em repensar o currículo escolar, considerando a diversidade de tempos e ritmos de aprendizagem dos alunos, ainda mais em tempos em que a aprendizagem acontecia em casa sob a demanda da família. Encarar o tempo escolar como um tempo cronometrado é uma ação retrógrada, pois, pensá-lo na perspectiva de um tempo de aprendizagem significativo, significa colocar as necessidades e interesses dos estudantes em primeiro lugar,

Ainda no texto *“Tempo escolar e organização do trabalho pedagógico”*, Arco-Verde (2012) argumenta que o tempo na escola não está necessariamente relacionado à quantidade de conhecimento indicado pelos livros ou pelos professores. Ao contrário, o tempo escolar desempenha um papel importante na introdução, habituação e internalização das normas e regras do jogo dominante, que são refletidas na forma como a escola opera. A autora defende que a função da escola não está na transmissão de conhecimentos, mas na socialização dos indivíduos, na formação de identidades e na preparação para a participação na sociedade.

Comprova-se que as experiências de distribuição dos tempos variam muito de acordo com os contextos em que são introduzidos e em resposta às políticas hegemônicas que se adentram nos sistemas educacionais, criando uma cultura escolar específica, adotada tanto pelas instituições como pelas famílias e pela própria comunidade e, nesse sentido, há uma sensível diversidade de arquiteturas temporais nos diferentes sistemas de ensino dos países, estados, municípios e redes escolares (ARCO-VERDE, 2012, p.6).

Permanece a argumentação sobre a distribuição do tempo escolar. Ela pode refletir e reproduzir as desigualdades sociais presentes na sociedade. Destaca-se que existem diferentes maneiras de organizar o tempo na escola, como a divisão em períodos semanais, diários ou em blocos maiores e cada uma dessas estratégias tem implicações distintas no processo de ensino e de aprendizagem.

A autora também ressalta que a forma como o tempo é utilizado na escola é influenciado por fatores institucionais, como a falta de recursos materiais ou a sobrecarga de tarefas dos profissionais da educação. Além disso, as políticas educacionais adotadas pelos governos também têm um impacto significativo na distribuição do tempo.

Refletir e debater sobre a organização do tempo escolar é fundamental para a promoção de uma educação de qualidade e inclusiva. É preciso considerar tanto o aspecto da eficiência, ou seja, garantir que o tempo seja utilizado de forma proveitosa para o aprendizado dos alunos, quanto o aspecto da equidade, assegurando que todas as crianças e jovens tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de sua origem socioeconômica, social e cultural.

Arco-Verde (2003) afirma que a definição do tempo escolar não deve ser uma decisão aleatória ou imposta, mas sim resultado de um amplo debate que envolva os diferentes agentes educativos, como professores, estudantes, famílias e comunidade. Somente dessa forma é possível construir um tempo escolar mais significativo, que valorize não apenas a transmissão de conhecimentos, mas também o desenvolvimento integral dos estudantes como cidadãos críticos e participativos na sociedade.

Ao encontro disso, é importante ressaltar que durante a pandemia, tanto a rotina escolar quanto a rotina familiar passaram por transformações significativas, refletindo a necessidade de (re)adaptação diante do novo cenário. Além das mudanças no ambiente escolar e no tempo de aprendizagem, a organização dessas rotinas também foi impactada.

Foi possível verificar que esse novo movimento demandou uma reorganização da rotina familiar e evidenciou aspectos frágeis da constituição familiar, com seus reflexos no desenvolvimento escolar e social das crianças. Nas pesquisas apresentadas neste texto, mais de 41% dos respondentes declararam não ter conseguido estabelecer uma rotina de estudos, ou seja, o tempo para atender a nova demanda ficou restrito às sobras oriundas de remanejamentos das atividades diárias.

Pesquisadores que estudam a temática da rotina escolar vêm apontando a importância de discutir sua organização e prática. Durante a pandemia, a rotina escolar, que antes era estruturada de acordo com os horários fixos das aulas, tornou-se flexível para a maioria das escolas públicas brasileiras, salvo algumas exceções, permitindo que cada aluno organizasse seu próprio horário de estudo de acordo com a possibilidade de uso, inclusive de algum aparelho de tecnologia, como o celular, *tablet* ou computador.

A rotina de trabalho de muitas famílias não mudou, foi preciso continuar com o trabalho presencial gerando outra situação: com quem deixar as crianças? Em outros

casos, a rotina de trabalho mudou completamente, com a família em trabalho remoto em casa, com o desafio de trabalhar, cuidar e auxiliar as crianças nas atividades escolares (DEUS *et al.*, 2023, p.11).

Na análise das pesquisas selecionadas, foi possível perceber que alguns pais preferiram colocar horários fixos na rotina de estudos dos filhos, fazendo com que as crianças entendessem a importância de separar um momento para tal feito. Já outros optaram por deixar as crianças com horários de estudo mais flexíveis e manter fixo apenas o horário de aula síncrona. Foi notável que as famílias sabiam da importância de estar junto à criança naquele momento da aula para estudar junto, fazendo o estudante perceber a necessidade de estabelecer uma rotina, mesmo em meio à pandemia e o isolamento físico e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a investigar como as pesquisas acadêmicas *abordaram as experiências de atuação das famílias no apoio à alfabetização das crianças em meio ao isolamento físico e social causado pela pandemia da Covid-19.*

Com a análise de três pesquisas selecionadas, além das famílias terem enfrentado consequências na rotina familiar, percebeu-se que um dos maiores impactos do ensino remoto foi que não houve avanço no processo de alfabetização das crianças e que o tempo e o espaço escolar se modificaram. Apesar dos esforços das famílias em apoiar o processo de alfabetização das crianças durante o ensino remoto, houve dificuldades significativas no avanço desse processo. Essas dificuldades podem ser atribuídas a diversos fatores, tais como a falta de tempo das famílias que tiveram que conciliar seu trabalho remoto ou presencial com as aulas das crianças; a escassez de tecnologia e a falta de acesso à internet. Além disso, a dificuldade em manter uma rotina de estudos em casa também foi um desafio enfrentado nesse período, juntamente com a inserção de um novo tempo e espaços em que as crianças não conseguiam visualizar o ambiente familiar como “escolar”.

Outro dado importante, com base nas pesquisas selecionadas para esse trabalho, é que não foram encontradas informações específicas sobre como aconteceu o processo de alfabetização durante o ensino remoto emergencial. Embora os descritores pesquisados estejam relacionados ao tema, as pesquisas se limitaram a abordar questões como rotina,

tempo e papel da família/escola, sem fornecer dados sobre o sucesso ou insucesso das práticas pedagógicas adotadas.

A pandemia da Covid-19 provocou uma série de desafios na educação e o ensino remoto emergencial foi uma solução rápida e necessária diante do cenário da época. No entanto, foi preciso refletir sobre suas limitações e buscar soluções para minimizar os impactos negativos desse formato, especialmente no processo de alfabetização das crianças.

É necessário que futuras pesquisas aprofundem o tema, buscando compreender as práticas pedagógicas adotadas durante esse período e os resultados obtidos. Dessa forma, será possível identificar estratégias efetivas e propor medidas que possam contribuir para uma recomposição da aprendizagem durante o “novo normal”, pós pandemia.

REFERÊNCIAS

ARCO-VERDE, Yvelise F. de Souza. **A arquitetura do tempo na cultura escolar: um estudo sobre os Centros de Educação Integral de Curitiba**. 2003. 406 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2003.

ARRUDA, Eucidio Pimenta; Durcelina Ereni Pimenta. Educação à distância no Brasil: políticas públicas e democratização do acesso ao ensino superior. **Educação em Revista**, v. 31, n. 3, p. 321-338, 2015.

BOCCA, Gessica Caroline Alberti Dallagnol. **A Participação da Família em Tempos de Pandemia no Processo Educacional das Crianças**. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/5474/1/BOCCA.pdf> Acesso em: 16-10-2023.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LEI Nº 9394 de 20 de dezembro de 1996.

CHARCZUK, Simone Bicca. Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, 2020, p.20. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v45n4/2175-6236-edreal-45-04-e109145.pdf>. Acesso em 10/05/2020.

DEUS, Andréia Florêncio Eduardo de; CANCIAN, Queli Ghilardi; SILVA, Anilton de Oliveira da; SILVA, Gabriela Artini da; MALACARNE, Vilmar. Alfabetização em tempos de pandemia: realidade e desafios na percepção das famílias. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 14, n. 42, p. 22–35, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.7995715. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/1436>. Acesso em: 30 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

HODGES, C.*et al.* The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. **Educause Review** [2020]. Disponível em: www.educause.edu. Acesso em: 05/10/2023.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa**: educação e ciências humanas [online]. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARQUES JUNIOR, Osni; BORBA, Tânia Margarete de. **A Rotina do tempo infantil**: a importância da rotina no desenvolvimento da educação infantil. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/redivi/article/view/8413/4742>. Acesso em: 16-10-2023.

MEDINA, Maria Guadalupe et al. Atenção primária à saúde em tempos de COVID19: o que fazer?. **Cadernos de Saúde Pública**, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2020.v36n8/e00149720/pt/>. Acesso em: 22 set. 2021

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* (org) O desafio da pesquisa social. *In: Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Raquel Almeida; PEREIRA, Eva Waisros. A política de educação a distância no Brasil e os desafios na formação de professores na educação superior. *In: Seminário de História, Políticas Públicas e Educação 2009*. Disponível em https://histedbrnovo.fe.unicamp.br/pfhistedbr/seminario/seminario8/_files/mBv36y8F.doc. Acesso em: 20 jul.2021.

OLIVEIRA, Z. M. R.; Filho, G. A. J.; FLEURY, M. G.; CARVALHO, M. I. C.; RUBIANO, M. R. B.; MACHADO, M. L. A.; ANGOTTI, M.; GONÇALVES, F.C. (Orgs.) **Educação Infantil**: muitos olhares. São Paulo: Cortez 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J. L. A importância da participação dos pais na educação dos filhos. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO*, 3., Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Curriculum Vitae, 2017. p. 1-10.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3^a.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.